

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, Bruno, C. Goodolphim, Ernesto Pires, Gomes Leal, Gerio Var, J. F. de Rosiers, José J. Nunes, Latino Coelho, Lopes Tronão, R. Cardozo, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 43

OCTUBRO — 1883

2.º Anno

Dr. Castello Branco Saraiva

Fazer a biographia d'este adoravel moço, se bem que, por um lado, seja cousa facil, é, por outro lado, cousa difficilima: é facil, porque, em bondade e dedicação, ninguem ha certamente que se lhe eguale e avante; mas é difficil, seguramente, porque no trabalho, que, com tamanho ardor tem empreendido a favor das associações portuguezas, são innumerables os serviços por elle prestados.

Lembro-me muito bem. Uma noite estava eu na redacção do *Seculo*, então na rua Nova dos Martyres, e appareceu-me o meu dedicado correligionario Eduardo Nunes da Motta.

— Que estavam para fundar uma associação escolar e eleitoral na freguezia de Santa Catharina e que se carecia de um presidente — disse-me.

Fallou-me em Alves Branco, Castello Branco Saraiva e outros.

— É esse exactamente, que convém — respondi. O Saraiva é um cavalheiro dignissimo, sincero e convicto republicano.

E dei-lhe para esse fim um bilhete de apresentação.

Depois os dois, de accordo, Eduardo Nunes da Motta e Castello Branco Saraiva, fundaram a *Associação Escolar e Eleitoral Fernandes Thomaz*, hoje uma das mais prosperas e das mais fecundas associações democraticas do nosso paiz. E para isso muito tem concorrido a valiosa e efficaz cooperação dos nossos affectuosos amigos Antonio Pires, José Ignacio da Costa, Germano Antonio Quintão, Ignacio Ribeiro Ferreira Bastos, Sabino de Oliveira, Victorino Proença, Rodrigues dos Santos, Sergio Areias, Bartholomeu Silva, Justino Guedes, Agostinho Sousa, Lucas Caldeira, José Antonio Nunes, Leal Pancada, Pedrosa Lino Leão, Reys Santos, João Francisco Caldas, Eduardo Gaspar, e outros, que, n'este momento, nos não occorrem. O nosso querido biographado foi eleito presidente d'esta associação em 1881.

Desde então para cá Castello Branco

Saraiva tem militado activamente na politica, não se passando um dia sequer em que a sua actividade e o seu zelo pela causa republicana se não affirmem e evidenciem de um modo acima de todo o elogio.

Castello Branco Saraiva é facultativo e socio das seguintes associações:

— Da *Associação Humanitaria dos Operarios Lisbonenses*;

— Da *Associação dos Carpinteiros, Pedreiros e artes correlativas*;

— Da *Associação do Montepio de Santa Cecilia*;

— Da *Associação Fraternal Lisbonense de Serralheiros*;

— Da *Associação Artistica Industrial*;

— Da *Associação Humanitaria de Santa Isabel*.

Fundou e levou a cabo com outros individuos, entre elles o honrado operario e nosso dedicadissimo confrade Fonseca, a *Associação Auxiliar dos Inhabilitados de Trabalho*, de que é tambem medico desvellado. Cobia aqui dizer duas palavras acerca d'esta nova e sympathica associação, que veio preencher entre nós um altissimo fim de philantropia e de humanidade. Saraiva e Fonseca tomaram, porém, esse espinhoso encargo com a satisfação intima de quem cumpre o grande dever social de não deixar morrer á fome os que, por qualquer circumstancia, ficaram inhabilitados de trabalhar, e de lhes prestar, a elles e ás suas familias, todos os socorros que podessem. Bem hajam pela sua iniciativa utilissima! Bem hajam pela sua abnegação de homens de bem, raramente imitada n'este paiz, onde as acções de caridade só se praticam unicamente com a mira em alguma commenda ou em algum titulo ou mercê honorifica!...

Como sub-delegado de saúde, estão ahí bem patentes os serviços por elle prestados á hygiene da cidade.



DR. CASTELLO BRANCO SARAIVA

Fallemos d'elle primeiro, como medico. É, n'este campo, um verdadeiro benemerito da humanidade, um apostolo do bem e dos pequenos. Se louvores ha que bem quadrem a algum são estes decerto.

Vejamos. Por toda a parte se estende a sua acção benefica e salutar.

Sobre o nosso tempo de Coimbra, duas palavras de saudade e de gratas recordações.

O Saraiva gozava no meu tempo das mais justas e legitimas sympathias da academia. Da parte dos academicos, de todos os cursos e de todos os annos, havia como que uma phrenetica adoração por este generosissimo moço, que tantos e tão valiosos serviços prestou á *Sociedade Phi-*

lantropica Academica, de que foi um dos mais zelosos directores. No *Theatro Academico*, para a prosperidade do qual muito concorreu, com a sua direcção activa e acertada, foi muitas vezes chamado ao palco pela academia, que o applaudia entusiasticamente, testemunhando-lhe assim o seu immenso affecto pelas suas brilhantissimas qualidades pessoasas.

Quando o curso do 5.º anno de direito, de que eu fazia parte, deu a sua recita de despedida, houve uma ceia entre muitos academicos. Por essa occasião tive a honra de brindar o meu amigo Saraiva, arrepassando ao ar o copo com, que o havia saudado.

Esse copo, porém, com grande surpresa nossa, desceu intacto á meza, d'onde tinha partido. Averiguado o caso, reconheceu-se que o tecto era de lona...

O que elle fez em Coimbra:
— Alcançou na Universidade, distincções com honra de *accessit* na faculdade de philosophia;

— Foi feito socio benemerito da *Academia dramatica*;

— Foi fundador, collaborador e administrador dos *Estudos Cosmologicos*, interessantissima revista scientifica, em que trabalharam alguns dos mais privilegiados talentos da moderna geração;

— Formou-se, enfim, em medicina a 29 de julho de 1876, tendo ido para Coimbra em 1866.

* *

José da Cunha Castello Branco Saraiva, conta hoje 34 annos de idade, tendo nascido a 18 de abril de 1848, e podemos dizer que bons e completos trinta e quatro annos, dedicados á sciencia, ao trabalho e ao estudo.

Em 31 de dezembro casou com D. Virginia Chaves.

Cousa notavel! O dr. João Rodrigues dos Santos, como elle, um espirito culto e um homem devotado ao bem e á humanidade, tendo tambem, como elle, a justiça e o direito por supremo e unico ideal, *estabeleceu* relações com Castello Branco Saraiva, n'uma conferencia medica, pouco tempo antes do casamento d'este. As duas desditosas senhoras falleceram pouco tempo depois e ambas de uma tyssica pulmonar...

Permutavam os dois amigos os serviços medicos no tratamento das duas esposas, que, tão prematuramente e no meio da maior e da mais dolorosa saude, se lhe desprenderam dos braços carinhosos.

* *

Dois factos da sua vida politica para concluir.

Está, decerto, ainda no animo de todos o modo arbitrario e prepotente porque o nosso amigo Saraiva, foi julgado e depois, dez dias despoticamente encerrado no Limoeiro.

O caso dera-se assim:

O auctor d'estas linhas estava fazendo uma conferencia sobre historia politica portugueza, na *Associação Fernandes Thomaz*. Por incidente fallou no celebrado e famoso Arrobas, então governador civil de Lisboa. Foi isto o bastante para que quatro heleguins, entrando pela sala atropelladamente, prohibissem a continuação da conferencia e dessem voz de preso ao prelector e ao dr. Rodrigues dos Santos, que, por acaso, se achava alli, como um simples ouvinte, que era, e nunca como vice-presidente do club, logar que de facto não representava n'aquella occasião. A justiça d'esta boa terra da lrangeira affirmou-se de um modo imponente e solemne, n'aquella noite, como em outras occa-

sões em que os caceteiros do sr. Arrobas costumavam apparecer por seu mandado e influencia.

De tão notavel processo destacou-se um outro em que foram julgados e condemnados A DEZ DIAS DE PRISÃO, SELLOS E CUSTAS DE PROCESSO, os quatro dignissimos membros do *Club Fernandes Thomaz*, dr. Castello Branco Saraiva, Victorino Proença, Eduardo Nunes da Motta e dr. João Rodrigues dos Santos, por terem commettido o enormissimo attentado, de a expensas suas, manterem e sustentarem uma escola, onde se ensinava a ler e a escrever os ignorantes e analphabetos.

Que mais podiam fazer esses biltres? Procedendo assim, cumpriam rigorosamente um dever de bons monarchicos, que, sobretudo, se alimentam da ignorancia e da miseria do povo.

Registremos todavia, o facto e apontemol-a aos vindouros, como ensinamento e lição proveitosissimos.

Em novembro de 1881, o seu neme foi escolhido como candidato, a vereador effectivo da lista republicana para a eleição municipal, que então se realisava. A cidade acolheu com extraordinaria sympathia o nome de Castello Branco Saraiva, e deulhe n'uma votação enorme e honrosissima a prova de quanto o considerava e estremeceia.

Saraiva, entrou activamente nos trabalhos eleitoraes d'essa epoca, e, como presidente da commissão central, mostrou bem como é grande a sua influencia e poderoso o seu influxo.

Hoje trabalha elle devotadissimamente pelo desenvolvimento e prosperidade das associações portuguezas. Redigiu e preparou uma estatistica das associações de soccorros mutuos de Lisboa, trabalho que lhe grangeou merecidos e justificadissimos louvores por parte dos mais competentes no assumpto. Esse trabalho foi apresentado ao congresso das associações, de que elle tem sido um dos collaboradores mais dedicados.

Que o nosso amigo não afrouxe no trabalho encetado, é o que sincera e ardentemente desejamos.

Magalhães Lima.



Noticiamos n'este logar hoje o fallecimento do honrado proprietario d'esta publicação, o sr. João José Baptista, fazendo sentir aos nossos estimaveis collaboradores, assignantes, leitores, e demais correligionarios, o passamento d'aquelle tão nosso dedicado amigo, e valente correligionario, como um dos acontecimentos mais lamentaveis para nós, que tanto o estremeceamos, considerando-o além de um bom amigo, um dos mais honrados defensores dos principios que advogamos, e que elle sabia estimar, criando este jornal, e protegendo outras publicações de propaganda democratica, de bastante valor; sacrificando-se, por vezes, para manter á altura dos seus desejos a publicação d'este jornal, interrompida por tão deploravel acontecimento.

No cumprimento de um dever, e em homenagem á memoria d'aquelle nosso preado amigo, descêjárá manter regular a publicação da *Galeria Republicana*, o novo proprietario, sr. Casimiro Augusto Baptista, digno filho d'aquelle nosso amigo, cuja perda deploramos.

Á MEMORIA DE JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Pobre amigo! Bondoso correligionario que tanto e tanto me soubestes estimar, como aos que mais te queriam!

Aqui me tens, ainda, proseguindo a tua obra, procurando dar vida á publicação que tanto se resentiu do teu desapparecimento da terra!

Não existes já, mas existem as tuas obras, que ficaram para rememorar os teus serviços ao partido republicano!

Um homem de bem, e um amigo bom como o sabias ser para aquellos que te conheciam, e te apreciavam, deixastes na terra quem de ti se lembrasse com saudade mui sentida, entre aquellos que vasavam n'este logar as expressões do seu sentir, criando tu para esse fim esta folha!

Deixaste-nos cedo! E para que? Eras um homem rude no trato, mas franco na amizade: faltava-te a lima do adulator; aquellos toques magicos da palavra suave, mas por vezes envenenada d'alguns d'estes que por ahi vivem como dignos da nossa estima, quando nos atraçoam como tu o não sabias fazer!

Quasi só, publicando-se difficilmente a tua *Galeria Republicana*, tiveste-me a teu lado sempre, enquanto outros te fugiam feridos pela tua palavra dura, mas cheia de justiça por vezes, refugiando-se na amizade d'outros que menos valiam do que tu! Não devias morrer já! Mas a terrivel Parca o assim quiz! Descança pois, em paz, amigo verdadeiro, como poucos para mim o tem sabido ser!

J. DE ROSIERS.



BALLADA DOS FILHOS DO POVO

(OFFERECIDA POR GOMES LEAL PARA UMA FESTA ESCOLAR)

Nunca vistes pelas ruas
das sonoras capitães,
esguedelhados, e aos ais,
pequinhos de pés nus...
as carnes transidas, nuns,
tremendo aos ventos d'aminhos?
Nunca viste os passarinhos
que choram longe da luz?

Ó homens do mundo novo
são elles — filhos do povo!

Nunca viste nas estradas,
que uma neve polar veste,
lenta voz triste e celeste,
que um velho cego conduz?
Nunca escutaste as balladas
dos cégos pelos caminhos?
Nunca viste os passarinhos
que choram longe da luz?

Ó homens do mundo novo
são elles — filhos do povo!

Nunca viste nas aldeias,
que ensanguenta um sol d'outomno,
magros rostos, ao abandono,
onde o riso não reluz;
as faces de fome cheias,
como aves fóra dos ninhos?
Nunca viste os passarinhos
que choram longe da luz?

Ó homens do mundo novo
são elles — filhos do povo!

Nunca viste na officina
uns cherrabins enfiados
nos trabalhos torturados,
a que a miseria reduz?
Nunca os viste, em negras minas
soffrer do fado os espinhos?
Nunca viste os passarinhos
que choram longe da luz?

Ó homens do mundo novo,
são elles — filhos do povo!

Mas já viste n'uma escola,
nos largos arborisados,
correm entes rosados,
onde o jubilo reluz?
Como as aves da gniola
que cantam, voltando aos ninhos,
são assim os passarinhos
que tem ar, e vida, e luz,

Ó homens do mundo novo
são elles — filhos do povo!

GOMES LEAL.

A caranguejola da monarchia

Continua a coisa a correr como d'antes a favor da caranguejola monarchica. Fontes, *ainda* no poder; Braamcamp, com o cheiro n'elle; Zé Dias, com o pé no estribo, pretendendo subir; os *paes da patria*, chuchando a mama do *subsidião*, que o Zé lhe vai continuando a dar *sem mais aquella*, obrigado a isso (diga-se a verdade), em resultado da louca incuria com que trata das coisas de que se devia occupar; o paiz, a braços com a miseria e com um pé na bancarrota e outro na desvergonha: tudo que ha de melhor, e que a caranguejola quer para *honra e credito* do povinho, que, entretanto vai pagando, e não bufando, como era dever seu! Vê-se, pois:

— A deshonra, latente sobre nós, seguindo a *nau do estado* seu rumo a *vol d'oiseau*, como os governantes querem e exigem, para que a caranguejola se conserve...

Horroroso, para nós, que não degeneramos dos honrados portuguezes d'outra ora, nem podemos degenerar, tendo por guia nas nossas acções em primeiro logar a honra do paiz, e, em seguida, o que particularmente nos possa interessar: o contrario, justamente, do que os homens da monarchia pensam em quanto á primeira parte do que avançamos! Deixar ir a *nau do estado*, que *póde ser* que breve tenha que encalhar, cega como vai na sua louca carreira!

E verdade que por vezes se diz entre os monarchicos o contrario, chasgando de nós; façamos outro tanto, mas com muita razão.

E pódre o *chaveco*? Ora! mas se elle tem por piloto um *caro* Fontes, e por *mastro real* um... *cepo*?! Assim, não ha a temer que uma viração a não favoreça em calma secca, e mar picado, porque se *porá de capa*, esperando vendo fresco que a conduza a bom caminho; como não sossobrará, embora a borrasca em que mais ella se ache envolvida, porque não poderá esta prejudicial-a, pois que não vai por agua abaixo assim com tão *valente* construção, embora minada já pelo bicho...

Depois, tem uma guarnição valente na arte de *manobrar os cabos*: — É questão do piloto gritar em occasiões de faina, achando-se a *nau* em perigo:

— Solta cabos a barlavento! Larga cutélos e varredouras! Caça a bujarrona! Mette em cheio; e contró sempre!!

Depois, ainda, esta *cantiga*, para animar a rapaziada:

— Rapazes, animo! a victoria é nossa!

— Mas, se a *nau* encalha? Se, de terra, o Ariaga desata a rir, não a perdendo de vista, de oculo em punho, e a deixa afundar, para fazer companhia aos caranguejos?

Se o povinho a deixa dar n'algun baixo que a espatife? Se, ainda, *mutando de mastro*, e remendado o *chaveco* da monarchia no immundo dique de S. Bento, ella vai com todos os diabos por agua abaixo, ainda mesmo com bom tempo? É verdade: e se, escapando do baixo e dos perigos já citados, a *carta de Pedro IV* deixa de regular em alto mar, rasgada por não invisível (a calosa mão do povo) a bordo do *chaveco*? Oh! co'a breca! então é que lá se vai tudo quanto Martha fiou: Nem Fontes, nem *mastro real*, nem as *espigas* que de Inglaterra lhe lancem, a troco das nossas colonias... lhe poderão valer! Até lá, até esse fatal dia em que o *chaveco* da monarchia abrir rombo, irá correndo de vento em poupa a *nau do estado*, embora remendada, e tripolada sempre com a sua equipagem de lazarentos e vis sujeitos como d'elles o governo ha mister!

Mas, a caranguejola?... fallemos serio: — Irá bem ella, depois das declarações da imprensa granjola, e das réplicas dos *orgãos* (?) do principe da corôa de bicos, «de que nem a tiro deixará o poleiro?»

Vencerão os da Granja, vindo a *tropa* do principe augusto, o Carlinhos, *comido* pela granjolada? ou passarão estes os butes para o partido republicano com armas e bagagens, perdidas as esperanças, que não mais conseguirão ser poder, como é mais certo?

Se as coisas continuarão bem, não afirmamos, e sim que até aqui ellas teem ido perfeitamente para a caranguejola da monarchia, embora os granjolas se tenham esfalfado a gritar por vezes contra o estado actual de coisas, pois que não consta que tenha faltado a mama á familia real, e *não real*...; aos empregados publicos feitos *paes da patria*, e a todos os comilões que nos levam o dinheiro, se o não roubam dos cofres publicos em grande parte como, *se diz*, *quais* sempre succede! O *provavel*, quer este ou aquelle dos partidos da monarchia disputem ou deixem de disputar a posse do osso, é que o *povinho* venha a acabar breve a contenda, sacudindo-os dos bancos do poder, mandando com elles a monarchia para o inferno, como o povinho diz na sua rude linguagem!

Ora, aqui está em que naturalmente ha de dar a caranguejola; quer os seus defensores queiram defendel-a, quer pensem o contrario, julgando-a firme!

E, outra coisa não póde ser, falle-se francamente, pois que é grave o assumpto. Esses homens que para ahi estão á frente dos negocios publicos, envergonham-nos aos olhos do estrangeiro, provando sobejamente que isto tudo tem que desabar breve, porque não podemos nem devemos permitir (custe o que custar) que elles prosigam na pratica das mais detestaveis loucuras. Ao contrario, continuaríamos os inglezes, os nossos *fieis aliados*, a explorar-nos, insultando-nos ao mesmo tempo; os francezes, impellido o celebre de Brazza a *descobrir* o que descobrimos, apoderando-se do que mais lhes convem em Africa...; os hespanhoes, a exigirem a obediencia do governo em tudo que nos seja determinado como iniquo e vexatorio para a nossa dignidade de povo livre e serio; a divida publica, a engrossar espantosamente: estado este que não póde continuar a permittir-se de modo algum; além d'outros actos que, francamente, se nos apresentam dignos da nossa attenção, convidando-nos a exigir estreitas contas á monarchia!

Por isso, pouco se nos dá que a caranguejola pretenda aguentar-se, sonhando o governo sempre a quanto deve caber por cabeça a compra de cada *carneiro* dos que a elle se vendam trocando o seu voto por dinheiro, como, que a onda dos jesuitas cresça, protegida por elle, porque o partido republicano crescerá a seu lado protegido pelo povo: — O que nos importa é a nossa organização como partido, de modo a poder dar o mais breve possivel batalha aos ladrões da nossa honra, estejam elles n'este ou n'aquelle campo, de modo a podermos restaurar o perdido: os nossos brios de povo trabalhador e honrado para bem merecermos o nome de povo civilizado que nos pertence, fazendo-nos então respeitar pelo direito, e *pela força*, quando aquelle não seja attendido!

Esta é a questão do *barco*, a *nau do estado*, navegando em cheio sempre como até aqui tem ido, sem lhe cuidarem do fundo desconjuntado, além de estúpida e traiçoeiramente governado pelos nossos homens de estado.

D'aquí, a quéda da caranguejola da monarchia, porque já não tem *mastro* que

preste tal chaveco; nem *carta* que possa ter a applicação que lhe dão!

Afundar-se-ha, pois! E a nossa sentença, a sentença do povo...

J. DE ROSIERS.



A INSTRUÇÃO DO POVO

Ou'ora, dizia-se: «crê ou morres», hoje diz-se: «pensa e estuda.» Completa passagem das trevas para a luz. N'outras eras o facho da civilização não illuminava a humanidade com os seus raios brilhantes, a Liberdade era palavra vã, que se esvahiava como o fumo no espaço.

A perseguição crampeava com todo o desenfreamento, criando-se a iniquição, para punir os *herejes*, a titulo de serem grandes criminosos e faltarem ao respeito ás cousas religiosas e apresentava-nos os seus espectaculos indignos e maldictos — os autos de fé! Mas hoje, para eterna vergonha d'esses miseraveis, e para nossa felicidade, á fogueira inquisitorial seguiu-se a Escola; á perseguição torpe e cobarde — ao despotismo — seguiu-se a Liberdade, idéa sublime que consola os opprimidos, e torna felizes os povos. Sim! seguiu-se a Escola, sanctuario do bem; seguiu-se a Escola, onde a creança bebe as primeiras noções para depois estudar, e de creança poder chegar a ser homem; de homem, a bom chefe de familia; e de bom chefe de familia, a cidadão util. E nós queremos a Escola e não a fogueira inquisitorial, primo: — porque jámais admittimos que os chamados *ministros de Deus*, se sirvam d'essa palavra que encerra tudo o que é grande, nobre, e justo, para serem infames carrascos e perseguidores maldictos dos espiritos levantados e dignos, dos que seguem as palavras que são o nosso erêdo, e o de Jesus; essas palavras que são o seu espectro medonho, e como diadema terrivel, para os que debaixo da palavra — Deus — occultam a perseguição, e a infamia, essas palavras são: Liberdade, Igualdade, e Fraternidade. Segundo: — porque jámais admittimos a intolerancia, que a toda a hora os taes chamados ministros, prégam, em logar de prégarem a liberdade e a tolerancia, emfim, não admittimos a punição de um *crime* (se crime é não seguir a religião catholica romana) com um verdadeiro crime, execrando e mil vezes maldicto.

Queremos a Escola, queremos a luz, queremos a liberdade; e não admittimos a fogueira, nem as trevas, nem o despotismo. Queremos a instrução, e por conseguinte a Escola. Queremos que a creança seja educada em sãos principios, porque se essa creança não receber a educação precisa, amanhã, talvez, irá juntar o seu nome a milhares de inuteis, ou então seguirá o trilhão do crime. Está demonstrado, que os grandes criminosos são geralmente aquelles a quem a instrução não foi ministrada. Mas a instrução no nosso paiz, é assumpto de que os governos não tratam; e infelizmente os jesuitas vão-se apossando d'ella, dirigindo-a; e nós não queremos para o povo nem para a mocidade a educação jesuitica. Não! porque no seculo xix não queremos reaccionarios e hypocritas se bem nunca quizeramos elles tivessem apparecido! Não queremos que essas creanças amanhã, sejam outros tantos ambiciosos e propagadores da desordem e da intriga, no seio da familia, tambem sanctuario do bem, porque, como disse Jules Simon, a verdadeira fonte de moral é ahi que existe. Podemos escrever livros e crear theorias sobre o dever e o sacrificio; mas as verdadeiras professoras de moral são as mães. Não queremos os jesuitas em parte algu-

ma, quer no governo, quer na escola, como na familia, ou no pulpito. Serão muito sabios, mas tambem são muito perigosos. O ensino deve ser livre, e bem livre das péas jesuiticas: porque a sociedade precisa cidadãos uteis, e não beatos hypocritas. Fundemos museus de pintura, de archeologia, e outros. Creemos bibliothecas populares, já que as chamadas bibliothecas publicas só servem para ser frequentadas por diminuto numero de individuos, e façamos com que estejam abertas á noute, para o operario as poder frequentar; consigamos que os principaes vultos portuguezes illustrem o povo em conferencias como se usa nas demais nações civilizadas; façamos da imprensa um pantheon scientifico, onde se exponham ao povo as grandes questões sociaes, e os grandes problemas scientificos.

Emfim, trabalhemos para ministrar a instrução a 3 milhões e tanto de analfabetos, porque é necessario fazer comprehender ao povo qual é o seu dever e tambem quaes são os seus direitos.

Ministremos a instrução ao povo, que se o não fizermos, mais tarde esse mesmo povo, poder-nos-ha tornar culpados por não velarmos pelos seus interesses, que são os nossos, que são os do nosso querido paiz a quem os governos actuaes parecem desejar conduzir á deshonra e á bancarrota.

Instruamos o povo, quando não, elle será eternamente escravizado, façamos de um automato um consciente, e d'isso dependerá a sua e a nossa felicidade, porque o povo e a nação quer-se livre, e illustrada, para comprehensão de seus deveres e sustentação de seus direitos perante a grande Humanidade.

Lisboa, 4 de dezembro de 1883.

A. C.

A gente séria e a imprensa

Ninguem ha que ria menos e que portanto manifeste os cuidados que mais lhe assoberbem o espirito, do que os padres e os reis!

Sérios sempre perante o povo, *trombados* mesmo, pôde este dizer sem o perigo de errar, ser impossivel que alguém os faça voluntariamente rir em publico, provocados embora muito para esse fim! Quer isto dizer, segundo elles: — o riso é para os que não tem cuidados! Nós cá, precisamos mostrar que os temos, e que além d'isso, *somos gente séria*...

O povinho, porém, é que scisma com tanta *seriedade*, e, encarando-os de frente, ri depois, interpretando-a assim: — ou elles são uns grandes tratantes, ou teem muito em que pensar...

E de facto, o povo tem muito que indagar e que aprender no modo por que se apresentam assim taes sujeitos, e muito mais, quando o *povinho* os vê rir sem vontade pedindo em troca d'esse rir velhaco a benevolencia do povo que entretanto os despreze! Mas, que se diga entretanto: o que está mais que provado, é que os reis e os padres guardam os *risinhos* para casa..., e que, não podendo como n'outro tempo mostrar ao povo umas *trombas* de metter medo, lhe dão *manteiga* por vezes mostrando-lhe a sua aguçada denteça! Esta é que é a verdade. Deus sabe as saudades que taes *amigos* teem, quando se lembram d'aquelle *bello* tempo em que o rei era *um verdadeiro senhor*, e o padre *um excellent*... *inquisidor*, levando este com paciencia a sua *cruz* ao *calvário*, conduzindo á fogueira os herejes d'aquelle tempo: aquelles impenitentes, que, *para variar*, tambem na *santa inquisição* encontravam o famoso correctivo que as suas faltas pediam!...

Mas que fazer? se hoje, coitados, são

apenas a sombra do passado: — uns miseros a quem o povo por vezes puxa descaradamente as orelhas fazendo-os ganir como uns cães?

Fosse lá n'aquelle tempo o *povinho* obrigar a ganir ou a rir um d'esses typos! — Crêdo! — N'aquelle tempo, *o rei era rei!* O povo, esse andava de orelha murcha, gemendo e resando, enquanto o *seu dono*, o *seu rei e senhor*, as trazia arrebitadas, ao mesmo tempo que o padre, por outro lado cumpria a sua missão de *amor e caridade* mostrando-se menos carrasco sorrindo um pouco, embora *fazendo sempre das suas*...

Que differença entre o passado e o presente! Hoje, os padres e os reis, como as nefastas camarilhas em que se escudam, sustentam, apenas, n'um esbravejar damnado como meio de defesa quando o povo-lhes manifeste o seu desprezo, possuirem ainda uma arma: — a sua qualidade de *gente séria*!!!

Despojados de tudo que constituia a sua força, assim se nos apresentam hoje, servindo-se das suas desafinadas tubas, a sua louca imprensa, escarrando esta sobre o povo estas affirmações indignas: — «Como governo, nenhum ha como o da monarchia que defendemos! Ninguem vive com mais honra do que o chefe de estado que é rei! Na sua vida, coisa alguma o desautorisa como homem, e como chefe de estado, pois que: o seu viver é a bussola da virtude, exprime a existencia do patriotismo; apresenta-o como o exemplar mais perfeito da honra: — o contrario dos que não cinjam uma corôa, por que, estes devem necessariamente ser uns idiotas, uns canalhas; ou uns desalmados, que, nem ao menos merecem no meio de loucuras por ventura menos graves, o favor da classificação de *gente séria*!

Que importa, que a imprensa que dia a dia expectora sobre o povo taes immundicies por vezes se zangue, offendendo o *seu rei*, e renegando o seu crêdo politico, se depois se penitencia reconhecendo *ter errado*? Acaso valem alguma coisa uns arrufos de *gente séria*? — Não valem um cigarro! — diz o *povinho* que a julga! Mas o rei? Porque é *que certo rei* ri pouco, como todos, pois que não lográmos ver ainda, entre os milhares de retratos que por todos os photographos da capital d'elle se têm tirado, um só retrato em que nos mostrasse um *arsinho* de riso? Destacaremos do assumpto, a seguinte *historia*, para melhor estudarmos como é nosso dever as causas d'essa *seriedade*, como a dos marões que se apresentam como *gente séria* copiando as feições d'esse *seu rei*! Escreveu-se ha pouco: «... Pouco depois de cahir Napoleão III fez-se inventario dos papeis secretos que aquelle principe possuia. Entre elles appareceram cartas do sr. D. Luiz I, discutindo com o imperador e aceitando a idéa de Portugal e a Hespanha se unirem, sendo o sr. D. Luiz rei de ambos os paizes. Essas cartas foram compradas pelo governo portuguez mediante a quantia de 20.000 francos ou 3.600.000 réis. Mais tarde o sr. D. Luiz desistiu d'essa idéa por varias razões, e principalmente porque na celebre conferencia de Zaraz, Napoleão III, desejando a alliança da Hespanha na guerra que se preparava contra a Prussia offerceu como compensação consentir na sua annexação de Portugal á Hespanha. Este plano foi prejudicado pela revolução que derrubou D. Isabel II. — Uma famosa historia esta, que, narrada por um dos órgãos da imprensa *decente, e séria*, nos dá a medida da *honradez e do patriotismo* com que as monarchias dão as mais sobejas provas do muito que valem... Prova-se, em parte, que os reis *têm muito em que pensar*, não sendo como essa gente que não tem cuidados, e que de tudo ri e zomba, bem merecendo *por vezes* os epithetos de canalha,

e outros, que sobre o *povinho* d'onde ella sae a *gente decente acarreta com muita razão*... Inspirados n'aquelle labutar do monarcha, que, embora a grandeza em que vive, deixa enrugar a fronte, fazendo-se adorar pela sua imprensa, esta prova por outro lado ser *muito justo* separar o trigo do joio, separando a *gente decente* da canalha que não tem os cuidados da *santa* monarchia que nos rege! São estes os seus cuidados e a sua arma! Fallando do povo, procurando enfraquecer-lhe o poder de que dispõe diz elle: — O *povinho*, será sempre a canalha, a plebe; uma turba avinhada de individuos de *calcanhar rachado*: a relé que não tem que perder, etc., etc.; fazendo depois um parallelto entre o viver dos *grandes, e dos pequenos*, fazendo vêr: — que aquelles vivem sem escandalo, gosando pacificamente os seus *bens* enquanto os segundos os extravanganciam na Perna de Pau, na Atalaya, no Senhor da Serra, no Poco dos Moiros, etc., etc.; mastigando a *bella* sardinha assada sobre umas toscas pedras, e *outros petiscos*, bem merecendo o *peixe-espada* dos municipaes na volta das pandegas em que gastam o *seu suor*, devendo trabalhar unicamente, não se mettendo em *cavallarias altas*, etc., etc.: palavrinhos finas e de *gente séria*, vendendo assim o *seu peixe*, como o *povinho* diz, sabendo desprezar tal imprensa e tal gente!

(Continua)

J. DE ROSIERS.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes, collaboradores, e demais correligionarios, pedimos desculpa da irregularidade mantida na publicação d'esta folha, em parte, devido ao lamentavel acontecimento que enlutou a *Galeria Republicana*, pelo fallecimento do seu proprietario, e, seguidamente, nos trabalhos de habilitação de novo editor, direitos de propriedade a adquirir em referencia a este jornal, e outros de justa desculpa.

Aos nossos collaboradores, e em especial, aquelles que tenham por concluir quaesquer artigos, rogamos vivamente o seu auxilio, a fim de poder sahir regularmente este jornal; o que esperamos, fiados no cavalheirismo dos nossos amigos, devendo ser dirigida toda a correspondencia para a rua do Duque da Terceira, 35, 4.º, a Casimiro Augusto Baptista.

Para facilitar a acquisição das collecções da *Galeria Republicana*, a todos os nossos correligionarios e amigos, entendeu o actual proprietario d'este jornal, baixar o preço de cada collecção, passando a venderem-se pelo diminuto custo de 1.750 réis em Lisboa, e fóra 1.760 réis; e bem assim, a passar ao custo de 80 réis o custo anterior de cada folha avulso.

Os preços para o Brazil são os seguintes:

<i>Galeria Republicana</i> 1.º anno ou 24 numeros, encardendada em panno chagrin (moeda forte) ..	97000
Idem, em papel chagrin (moeda forte)	87500
Idem, em folhas soltas (moeda forte)	67000
Folha avulso	7250
<i>Galeria Republicana</i> , 2.º anno, ou 24 numeros, os mesmos preços do 1.º anno.	

Em consequencia de se achar impresso já, parte do papel destinado á publicação d'este jornal, sahirá a cabeça da *Galeria Republicana* como o nome do nosso mallogrado amigo, sr. João José Baptista, como proprietario; embora, o substitua seu filho, como proprietario, o sr. Casimiro Augusto Baptista.